ISBN 85-336-0743-1

Bom Dia, Angústia!

André Comte-Sponville

Bom Dia, Angústia!

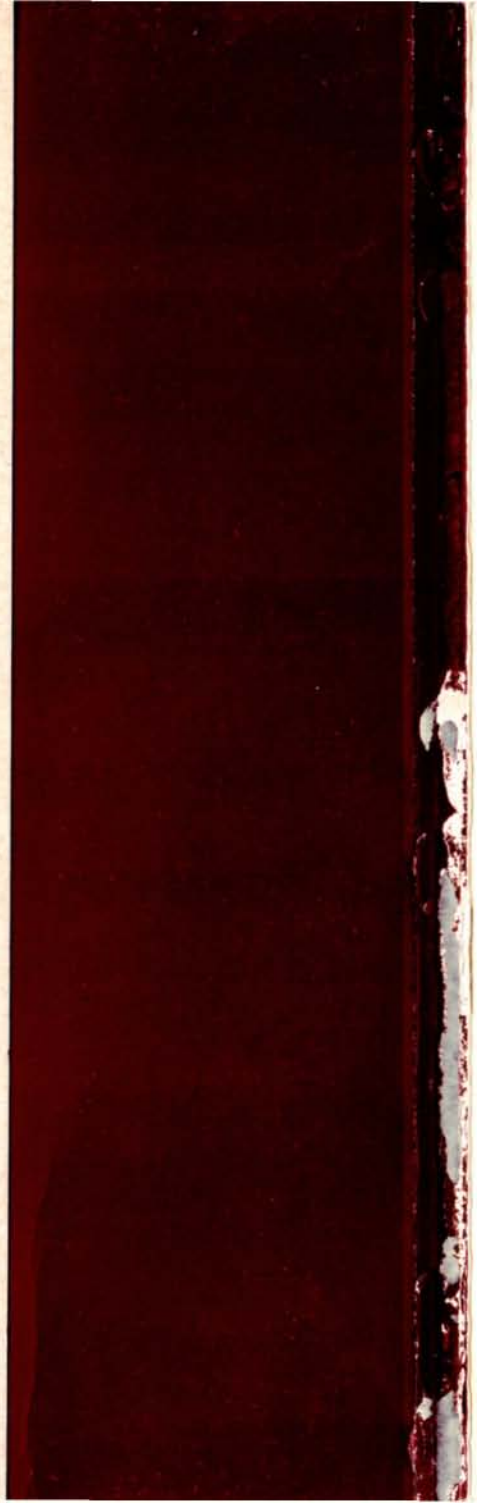
André Comte-Sponville

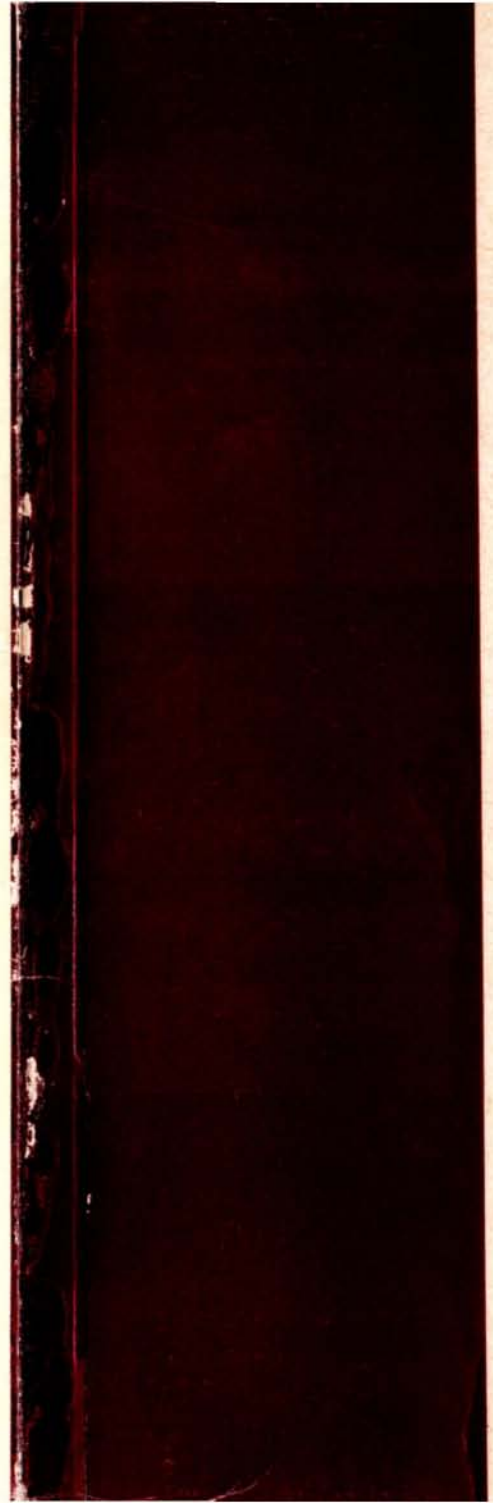


Martins Fontes

Filosofar significa pensarmos a nossa vida e vivermos o nosso pensamento. Entre os dois subsiste, porém, uma defasagem, que nos constitui e nos dilacera. E a filosofia, em geral, é apenas a negação disso. Para que pensar tanto, se é para viver tão pouco? A paranóia, dizia Freud, é "um sistema filosófico deformado"; e um sistema filosófico, acrescentaria eu de bom grado, é uma paranóia que obteve êxito. Gostaríamos de tentar aqui uma coisa diferente – uma coisa diferente dessa paranóia dos sistemas, uma coisa diferente também desse êxito: uma filosofia a descoberto, o mais próxima possível da vida real, de seus fracassos, de sua fragilidade, de sua perpétua e fugidia improvisação...

A. C.-S.





André Comte-Sponville é professor da Universidade Paris I (Panthéon-Sorbonne). Além do *Pequeno tratado das grandes virtudes*, publicado pela Martins Fontes, e traduzido em dezoito idiomas, publicou *Traité du désespoir et de la béatitude* (*Tratado do desespero e da beatitude*), e duas coletâneas de artigos, *Une éducation philosophique* e *Valeur et vérité (études cyniques)*.

Capa Katia Harumi Terasaka

Esta obra foi publicada originalmente em francês com o título IMPROMPTUS por Presses Universitaires de France, Paris, em 1996.
Copyright © Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 1997, para a presente edição.

1ª edição
agosto de 1997

Tradução
MARIA ERMANTINA GALVÃO G. PEREIRA

Preparação do original
Vadim Valentinovitch Nikitin
Revisão gráfica
Vera Lúcia P. Della Rosa
Produção gráfica
Geraldo Alves
Paginação/Fotolitos
Studio 3 Desenvolvimento Editorial
Capa
Katia Harumi Terasaka

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Comte-Sponville, André
Bom dia, angústia! / André Comte-Sponville ; tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira – São Paulo : Martins Fontes, 1997.

Título original: Impromptus.
ISBN 85-336-0743-1

1. Ensaios franceses 2. Filosofia francesa I. Título.

97-3854 CDD-194

Índices para catálogo sistemático:
1. Ensaios filosóficos franceses 194

Todos os direitos para o Brasil reservados à
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
01325-000 São Paulo SP Brasil
Tel. (011) 239-3677 Fax (011) 605-6867
e-mail: info@martinsfontes.com
http://www.martinsfontes.com

Índice

Preâmbulo 7

Bom dia, angústia! 11
O dinheiro 23
A correspondência 35
O gosto de viver 45
Morrer curado? 59
O suicídio 77
O luto 89
O niilismo e seu contrário 101
Mozart 109
Schubert 119
Schumann 131
Jesus 141

Fontes 149

Preâmbulo

A ninguém, exceto aos que nele terão prazer.
Schubert (dedicatória de seu último Trio).

Esta coletânea deve muito a Schubert: seu título*, uma parte de seu conteúdo, talvez até a sua existência.

Deve também a Montaigne, e esse encontro, que não era previsível, sem dúvida diz o essencial.

Se eu não tivesse descoberto Schubert, por volta dos vinte e três anos, se ele não me tivesse mudado a vida, que necessitava disso, se não me tivesse mudado a mim próprio, e também se não tivesse lido Montaigne, alguns anos mais tarde, se ele não me tivesse mudado o pensamento, os gostos, os projetos, teria eu um dia ousado, teria eu um dia sabido escrever estas pequenas peças de prosa sem pretensão, ou sem outra pretensão, da parte de seu autor, que não escrever o mais próximo de si, como Schubert compunha, como Montaigne escrevia, o mais próximo da vida real, com suas angústias, suas incertezas, suas indefinições, o mais próximo de sua essencial fragilidade, de sua essencial finitude, de sua essencial e definitiva improvisação?

Que é um *impromptu*? É uma pequena peça, o mais das vezes de teatro ou de música, composta, como diz o

* Referência ao título da edição francesa: *Impromptus*. (N. do E.)

Bom dia, angústia!

O medo é o primeiro sentimento por certo, pelo menos *ex utero*: o que mais angustiante do que nascer? E em geral deve ocorrer que ele seja o derradeiro: o que mais angustiante do que morrer?

Aí está: nascemos na angústia, morremos na angústia. Entre os dois, o medo quase não nos deixa. O que mais angustiante do que viver? É que a morte é sempre possível, o sofrimento é sempre possível, e é isso a que se chama um vivente: um pouco de carne oferecida à agressão do real. Um pouco de carne ou de alma expostas ali, à espera de sabe-se lá o quê. Sem defesas. Sem auxílio. Sem amparo. Que é que é a angústia, senão esse sentimento em nós, com ou sem razão, da possibilidade imediata do pior?

Não se refuta um sentimento, e este menos do que os outros. Que o pior seja de fato possível, sempre possível, quem o pode negar? Certas pessoas parecem separadas da angústia apenas pela pobreza de sua imaginação, como se fossem por demais tolas ou por demais inteligentes para ter medo. Invejo-as às vezes, mas erroneamente. A angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o real, para o futuro, para a indistinta possibilidade de tudo. Ter de libertar-se dela é o que ela própria nos indica suficientemente, pelo desconforto. Mas não depressa demais nem a qual-

quer preço. O medo é uma função vital – é uma vantagem seletiva evidente –, e não poderíamos viver muito tempo sem ele. A angústia não passa, por certo, de sua ponta mais fina, a mais sensível, a mais refinada... Demais? Quem o pode julgar? Que seria o homem sem a angústia? A arte, sem a angústia? O pensamento, sem a angústia? Depois, a vida é pegar ou largar, e é disso também que a angústia, dolorosamente, nos lembra. Que não há vida sem risco. Não há vida sem sofrimento. Não há vida sem morte. A angústia marca a nossa impotência, é nisso que é verdadeira também, e definitivamente. Fazem-me rir nossos pequenos gurus, que querem proteger-nos dela. Ou nossos pequenos *psis*, que querem curar-nos dela. Por que não nos curam, em vez dela, da morte? Por que não nos protegem, em vez dela, contra a vida? Não se trata de evitar, e sim de aceitar. Não de curar, e sim de atravessar. O universo nada nos prometeu, dizia Alain. E o que mais além do universo? Como seríamos os mais fortes? Tudo nos ameaça; tudo nos machuca; tudo nos mata. O que mais natural do que a angústia? Os animais só são protegidos dela, se o são, por uma atenção demasiado estrita ao presente. Mas nós, que nos sabemos mortais? Que só amamos aquilo, ai de nós, que vai morrer? O que mais humano do que a angústia? A morte nos liberta dela, certamente, mas sem a refutar. Certas drogas a tratam mas sem a desmentir. Verdade da angústia: somos fracos no mundo, e mortais na vida. Expostos a todos os ventos, a todos os riscos, a todos os medos. Um corpo para as feridas ou para as doenças, uma alma para as mágoas, e ambos prometidos à morte somente... Ficaríamos angustiados por menos.

Evoquei apenas de passagem a diferença entre o medo e a angústia, e nada disse da ansiedade. Essas sutilezas terminológicas não me interessam muito. Por que a língua

teria razão? O corpo sabe mais sobre isso. Costuma-se distinguir o medo, que suporia um perigo real, da angústia, que só se basearia nos perigos imaginários, até mesmo não teria objeto. E, por certo, não é a mesma coisa ter medo de um cão real, que ameaça você, e de sabe-se lá o quê, que oprime você. Será tão simples, porém? A criança que tem medo do escuro, como se diz, terá medo de algo determinado? real? imaginário? Terá medo dos fantasmas, dos ladrões, da morte? Terá medo de nada? De tudo? Isso depende, claro, das crianças e dos momentos. Mas ela tem medo, é o que cada qual bem sabe, e o que ela diz de fato. Acreditarão que seu medo mudará de natureza porque o terão batizado ansiedade, angústia ou fobia? "Seja qual for a diversidade de ervas que haja", dizia Montaigne, "tudo é abrangido pelo nome de verdura." Seja qual for a diversidade de medos, igualmente, pelo nome angústia ou ansiedade. Não passam de palavras, e nunca as teremos em número suficiente para expressar o infinito do real ou de nossos pavores. Que os especialistas tenham necessidade dessas categorias, muito bem. Mas a angústia, não. Mas o medo, não. Um objeto? Não há objeto? Quem o pode saber, quando tem medo? Você está caminhando sozinho, à noite, numa rua deserta e sombria de um bairro deserto... Ou então numa floresta, e a noite jamais é tão negra como nas florestas. Você tem medo de *que haja alguém*, ou *porque não há ninguém*? De ambos sem dúvida, e indissociavelmente. E, depois, outra coisa também, que já aterrorizava a criança pequena que você era: os fantasmas talvez, ou os ladrões, ou a escuridão, ou a loucura de uma mãe, ou a sua... Quanto a saber se o objeto é real ou fantasmagórico... Quem pode estar certo de que os fantasmas não existem? E que lhe importa, se ela os teme apesar de tudo? O medo produz um real suficiente: as fantasias fazem parte do mundo, e cumpre mesmo defender-se tam-

bém contra o que não existe. O que mais real do que a morte? O que mais imaginário contudo? Será ela um objeto possível? Talvez não, mas que por isso é ainda mais apavorante, como o nada necessário... Medo? angústia? ansiedade? Nem por isso deixamos de morrer. A vida é curta demais para contentar-se com palavras. E difícil demais, porém, para dispensá-las.

Aconteceu-me, porque me interrogavam, distinguir o medo, ante um perigo real, da ansiedade, que se basearia só em perigos possíveis, e da angústia, que se basearia num perigo necessário. Queria com isso levar em conta não só uma espécie de graduação (a ansiedade é menor do que o medo, parece-me, e menor também do que a angústia), mas sobretudo o que há de inelutável no próprio sentimento da angústia, ou melhor, o sentimento de inelutável que ela dá, como de um perigo que não se poderá evitar nem superar, como de uma morte certa, o que ela é de fato, e próxima, o que nem sempre é... A angústia é um medo imaginário e necessário – sem objeto real, sem saída possível. É por isso que nos pega e nos corrói. Como se poderia vencer, quando não há nada para enfrentar?

Bem sei que cumpre distinguir aqui a crise de angústia, com suas manifestações somáticas tão espetaculares, da angústia existencial, que o mais das vezes é desprovida delas. Mas não é indiferente que se utilize a mesma palavra, e que a idéia da morte, para descrever ambas, intervenha tão espontaneamente. "*Doutor, ela diz que vai morrer!*" Era esse o título de um longo artigo que um semanário de grande circulação consagrou, há alguns meses, às crises de angústia e ao seu tratamento de urgência (no caso por SOS-Médicos) na região parisiense. E imagina-se o infeliz companheiro desarvorado que lhe dá palmadinhas na mão, ou a infeliz colega, que só sabe repetir esperando o médico, para tranqüilizá-la, ou para tranqüilizar a si mes-

ma: "*Mas não, não, você não vai morrer...*" É, porém, ela vai morrer – mas não logo em seguida. Ela só está doente de antecipar, de ter razão, como se diz, cedo demais. Mas que é que isso muda no fato? A angústia se engana sobre os prazos, sem dúvida; mas, e sobre a morte? É como que um curto-circuito do tempo. Um atalho insuportável rumo ao essencial. Pensamos em Pascal, e é verdade que a angústia lhe dá razão, ou que ele dá razão à angústia. Lembrem-se: "*Que se imagine grande número de homens acorrentados, e todos condenados à morte, sendo todos os dias uns deles degolados à vista dos outros, aqueles que restam vêem sua própria condição naquela de seus semelhantes, e, olhando-se uns aos outros com dor e sem esperança, esperam a sua vez. Essa é a imagem da condição dos homens.*" Como não ficariam angustiados? Contra o que cada um se vira como pode. "*Cumpriria, para agir corretamente, que ele se tornasse imortal; não o podendo, teve a idéia de impedir-se de pensar nisso...*" Angústia ou diversão. Não digamos precipitadamente que a saúde está exclusivamente do lado desta, nem que aquela, por conseguinte, seria sempre patológica. A sanidade mental não poderia medir-se apenas pelo bem-estar. A angústia do soropositivo, a angústia do condenado à morte, a angústia da mãe cujo filho está doente, quem as julgará patológicas? E quem não vê que a nossa de certo modo se parece com a deles? Qual dentre nós escapará da morte? E qual de nossos filhos? Que podem os ansiolíticos contra uma idéia verdadeira? Isso não impede de utilizá-los, quando é preciso, quando a vida seria muito mais insuportável ou atroz. Mas é preciso sempre? E não será pagar caro, muito amiúde, só suprimir o sofrimento – mediante medicação ou diversão – em troca da coragem e da lucidez? Será a saúde que se quer, ou o conforto? A capacidade de enfrentar o real, ou a possibilidade de fugir dele?

Compreendam-me bem: não ignoro que existem ansiedades patológicas, que merecem tratamento. Vi algumas de bem perto. Revejo ainda Althusser, em sua clínica, incapaz quase de falar, de comer, de defecar (o corpo inteiro atado de angústia, explicava-me ele), suplicando às enfermeiras que aumentassem as doses de ansiolítico... Depois outras lembranças, mais próximas, que não contarei. Os progressos da quimioterapia, em matéria psiquiátrica, aqueles também, embora menos espetaculares, das psicoterapias, fazem parte das boas novas desta época, e estaríamos errados em desprezá-los. Demasiado sofrimento está em jogo aí, para os doentes e para seus próximos. Demasiada infelicidade. Demasiada impotência. Um de meus amigos, por exemplo, narrando-me suas crises de angústia e de depressão, fala-me desse novo medicamento que nos vem dos Estados Unidos, que decerto lhe salvou a vida, diz ele, e sem efeitos secundários observáveis... Cumpriria ser bem simplório ou bem insensível para fazer-se de rogado. Quem não prefere os neurolépticos à camisa-de-força, os antidepressivos aos eletrochoques, os ansiolíticos ao internamento? Vejo que ficam chocados, aqui ou ali, com que tantos de nossos contemporâneos consumam psicotrópicos. Mas onde está o mal, se com eles vivem melhor? Será o caso? Isso é que eles devem examinar, com seu médico, e que ninguém poderia decidir no lugar deles. O sofrimento comanda. O horror comanda. Cada qual resiste como pode. Será nossa culpa se não temos mais a fé?

Não esqueçamos, porém, que a medicina só é válida para os doentes, e que não se poderia considerar como tal todo indivíduo que teme morrer, sofrer ou não ser amado. Onde está o sintoma? onde está a patologia? Ele sofrerá de fato, morrerá de fato, e jamais será amado, com toda evidência, como o teria desejado. E então? Resta-lhe enfrentar isso, aceitar isso, superar isso, se puder, em vez de fugir.

Sofre com isso? Mas onde se viu que todo sofrimento seja patológico? Que todo sofrimento seja nefasto? Ele o é, se impede viver ou agir. Mas se ele ajuda? Se impele a isso? Se é fator de revolta ou de combate? Vai-se renunciar a pensar, porque isso angustia? A viver, porque isso causa medo? A amar, porque isso causa dor? Aceitemos, ao contrário, tanto quanto pudermos, e o podemos apesar de tudo, ao menos um pouco, ao menos às vezes, e esse é justamente o sinal de nossa sanidade, aceitemos em vez de sofrer e de tremer. Quem não tem medo pelos filhos, e por isso deve-se correr ao psiquiatra? Quem não tem medo da doença, da velhice, da solidão? A vida é feita de tal modo que só se pode escapar a um desses males (por exemplo, a velhice) caindo noutro (por exemplo, uma morte prematura). Aliás, é por isso que a vida por vezes é mais fácil, apesar de tudo, do que a imagem que dela nos fizéramos: porque as angústias se somam, quase sempre (receamos a um só tempo a velhice e a morte prematura), ao passo que os males, por vezes e necessariamente, se subtraem. Receamos mil mortes, e jamais vivemos senão uma... Toda angústia é imaginária; o real é seu antídoto.

Isso não impede que a vida seja de fato insatisfatória, pelo menos enquanto se espera outra coisa ("a angústia é incontestavelmente relacionada com a espera", escrevia Freud), e enquanto a angústia sempre acompanha nossos sonhos, ou os precede. Que o medo seja primeiro, é o que creio, e que jamais se espere senão com base numa nostalgia ou num medo (numa nostalgia *e* num medo) prévios. O que se espera é o que se perdeu, talvez , ou que se receia perder. A verdade é que a angústia e a esperança andam juntas. "Não há esperança sem receio", dizia Spinoza, "não há receio sem esperança." Espera-se só o que não se tem, só o que se ignora, só o que não depende de nós: como não se ficaria angustiado? E como não se

esperaria, já que se tem medo? Poder libertar-se disso, talvez. "As afeições da esperança e do receio não podem ser boas por si próprias", escrevia ainda Spinoza, e todos os esforços da razão tendem a livrar-nos disso. Daí aquilo a que chamei o desespero, a que Freud chama o trabalho do luto, e que não passa da aceitação da vida tal como é, difícil e arriscada, cansativa, angustiante, incerta... Nada está adquirido nunca, nada está prometido nunca, senão a morte. Por isso só se pode escapar à angústia aceitando isso mesmo que ela percebe, que ela recusa e que a transtorna. O quê? A fragilidade de viver, a certeza de morrer, o fracasso ou o pavor do amor, a solidão, a vacuidade, a eterna impermanência de tudo... Essa é a vida mesma, e não há outra. Solitária sempre. Mortal sempre. Pungente sempre. E tão frágil, tão fraca, tão exposta! "Todo contentamento dos mortais é mortal", dizia Montaigne; é isso que a angústia vê bem (pelo que está mais certa do que a diversão), mas não sabe aceitar. Seria preferível a sabedoria que soubesse dizer sim. Mas quem é capaz disso? A diversão, em todo caso, não poderia ser seu sucedâneo: não é dizer sim falar de outra coisa... Nem a saúde, que nada diz. Como gostariam de fazer dela uma filosofia! uma sabedoria! uma religião! Contra a doença! A medicina. Contra a angústia? A medicina. Contra a morte? A medicina. E contra a vida, o quê? A medicina? Conto do vigário! A vida não é uma doença, nem a morte, nem, pois, a angústia que ambas inspiram, pelo menos esta angústia, que não impede viver, que não impede pensar, mas nasce, ao contrário, do fato de que se vive e pensa como se pode, com todos os riscos, sem saber (se soubéssemos viver e pensar, que restaria para pensar e para viver?), sem sequer poder aprender verdadeiramente, ou tarde demais para que isso possa servir por muito tempo ou mudar o essencial. "O tempo de

aprender a viver já é tarde demais..." Mas jamais tarde demais para ter medo, nem cedo demais, e é o que a angústia significa. Que há sempre futuro suficiente diante de si para apavorar, sempre pouco demais para tranqüilizar ou consolar. Verdade da angústia: o tempo é essa abertura para o futuro, ou não é nada. Pelo que só se tem escolha entre a angústia e a eternidade, ou melhor, não é uma escolha, mas os dois pólos de viver. Não é certo que eles se excluam. Tudo é eterno, por certo, já que tudo é presente; mas nada é definitivo além da morte.

Conta-se no Oriente esta história, que já não sei se é de origem budista ou taoísta. Um monge caminha na floresta, pensativo e preocupado. É apenas um monge comum, não um sábio, não um liberto vivo: não conheceu o despertar, não conheceu a iluminação. Por que está preocupado? Porque ficou sabendo que seu mestre – que era, por sua vez, um sábio, um liberto vivo, um desperto –, que seu mestre, portanto, morreu, o que não é grave, assassinado a pauladas por salteadores, o que tampouco o é. Não há a menor necessidade de ser um sábio para compreender que é preciso morrer mais dia menos dia e que a causa não importa muito, que isso é apenas impermanência e vacuidade. Qualquer monge que seja sabe isso. Por que, então, essa fronte preocupada, essa perplexidade, essa inquietude vaga? Porque uma testemunha, que viu a cena, contou ao nosso monge que o sábio, durante as pauladas, gritara atrozmente. E era isso que perturbava o nosso monge. Como um liberto vivo, um desperto, um buda, podia gritar atrozmente por algumas pauladas impermanentes e vazias? Para que serve a sabedoria, se é para gritar como um ignorante qualquer? Absorto nessa meditação, nosso monge não viu aproximar-se um bando de salteadores, que o atacam de repente e partem-lhe os ossos a pau-

ladas. Durante as pauladas, nosso monge gritou atrozmente. Ao gritar, conheceu a iluminação.

Que lição tiro disso? Entre outras, esta, que a dor e a angústia fazem parte do real. Que fazem parte da salvação. Que são eternas e verdadeiras, tanto quanto o resto. E que a sabedoria está na aceitação do real, não em sua negação. O que mais natural, quando se sente dor, do que gritar? O que mais sábio, quando se está angustiado, do que aceitá-lo? "Enquanto fazes uma diferença entre o samsara e o nirvana", dizia Nagarjuna, "estás no samsara." Enquanto você faz uma diferença entre sua pobre vida e a redenção, está em sua pobre vida.

Não sei se é verdade que toda angústia é de morte, como às vezes acreditei; mas, como toda vida é mortal, como se escaparia à angústia?

Nem se toda angústia revela o nada, como o pretendia Heidegger, diante do que se destacam a contingência ou o estranhamento do ser (por que haverá alguma coisa em vez de nada?) e de nós mesmos como antes. Mas, como todo ser é contingente, como se escaparia à angústia e ao estranhamento?

Por que alguma coisa em vez de nada? Por que isto em vez de outra coisa? Eu, em vez de um outro? Viver, em vez de morrer? Assim, e não de outra maneira? Todas as pílulas do mundo, embora possam fazer-nos esquecer essas questões, não poderiam suprimi-las – e ainda menos responder a elas.

Que é a sanidade psíquica? Talvez a capacidade de enfrentar o real e o verdadeiro sem perder toda a força, toda a alegria, toda a liberdade. Onde há margem para a angústia, e é isso que distingue a sanidade da sabedoria. Pois o sábio ("na medida em que é sábio", como diz Spinoza, e, claro, ninguém o é por inteiro), o sábio, portanto, está livre

de angústia, por certo, mas somente na medida em que está livre de si. Mais ninguém para salvar, e é a própria salvação. Fim do eu: a morte ou a angústia já não têm onde pegar. Nirvana: extinção. Mas é porque agora só há a luz. Morrer para si mesmo? Se quiserem. Mas é nascer enfim, viver enfim, em vez de simular. O eu nada é senão o conjunto das ilusões que ele faz sobre si mesmo. A sabedoria libera disso, mas sem o salvar. Ou o salva, mas perdendo-o. Narciso não leva vantagem nisso, sendo por isso que estremece. Mesmo a sabedoria lhe dá medo, a qual só o libertaria dissipando essas miragens que são ele. Esse é o verdadeiro preço a pagar, e nenhuma droga, nenhuma terapia – e nenhuma filosofia – poderia dispensar-nos disso.

Para nós, que não estamos nesse ponto, que estamos muito longe dele, resta-nos aceitar a angústia, habitá-la, e o mais serenamente que pudermos. É apenas um semiparadoxo. Por que cumpriria *ter medo de ter medo*? Se o sábio é quem já não tem angústias, o filósofo talvez seja quem já não se angustia de tê-las.

Que é a sanidade psíquica? É o estado, esta definição não é inferior a outra, que torna a filosofia possível e, aliás, necessária. Dirão que houve filósofos loucos. Mas, se o fossem deveras, não teriam filosofado; tendo-o ficado completamente (Nietzsche), deixaram de filosofar. Que um filósofo, às vezes, tenha necessidade de um psiquiatra, isso não poderia, pois, dispensar os psiquiatras de filosofar. É isso que a angústia lembra a uns e aos outros, marcando os limites da filosofia, quando a angústia é patológica, bem como da medicina, quando ela não o é. Que tais limites sejam imprecisos, que por vezes se invadam mutuamente (onde termina o normal? onde começa o patológico?), isso é uma evidência, mas que não poderia suprimi-los. A angústia existencial não é uma doença; a neurose de angústia não é uma filosofia. Bom trabalho a todos!

O dinheiro

Precisamos de tão pouco para viver: como é possível que precisemos de tanto, ao que parece, para viver bem?

Mas tanto de quê? De tudo, e é isso que seria impossível de medir sem o dinheiro. Se a moeda é "o equivalente universal", como dizia Marx, é porque pode ser trocada por qualquer coisa, em todo caso por qualquer mercadoria que seja, cujo valor ela serve, assim, para quantificar. Daí resulta que tudo o que pode ser comprado tem um preço, e que tudo o que tem um preço pode ser comprado... Como não se amaria o dinheiro? Seria preciso não amar nada, uma vez que o dinheiro leva a tudo.

A tudo? Pelo menos a tudo o que se pode possuir, e claro que não é tudo, e claro que não é o essencial. Mas quem poderia passar sem ele? Em todo homem dormita um proprietário, que o dinheiro desperta. Vender? Comprar? Trata-se sempre de possuir. O dinheiro é um instrumento de troca, mas só se pode trocar o que se tem pelo que não se tem: a troca supõe a posse, já que a transfere. Isto quer dizer que ele lhe fica submetido. Assim, não é a troca que se ama, no dinheiro, mas a própria posse. É o que o avarento ilustra, a quem basta a posse. Quanto ao comerciante, quem pode acreditar que ele trabalha pelo amor ao comércio ou ao seu próximo? Trabalha para enrique-